A VERDADE E O SÍMBOLO

1.ª edição — março de 1959

Um pensamento só é grande, quando pensado por um grande homem, dizia Spengler. Poder-se-á referir sòmente aos pensamentos?

E tôdas as obras humanas não são grandes, quando realizadas por um grande homem? Essa é uma das tragédias da inteligência. Um homem simples

pensou êste livro, há muito tempo. Êle foi escrito como um destino[1].

(1) Muitos dêsses pensamentos, que os vivi no passado, são ainda lineamentos do meu pensamento de hoje. Conservo-os como foram escritos.

Realmente vivemos hoje o homem objectivo, o homem para o qual os símbolos perderam seus conteúdos. O metropolitano é tanto mais metropolitano à proporção que as coisas são mudas para êle e seus ouvidos estão surdos à linguagem que elas dizem.

Entre os temas que maiores preocupações provocam hoje entre os filósofos, um dos maiores é, sem dúvida, o das significações. Mas a

significação alcança o universal, porque tôdas as coisas significam algo. O universo inteiro é um grande diálogo de símbolos e simbolizados.

O homem metropolitano, afastado da vida, que nêle se mecanizou, objectivado e fugitivo de si mesmo, quando retorna para si, o faz através de introversões exaexterior e neuròticamente através de introversões exacerbadas, quer gozar coisas, apenas as coisas, na ilusão

de que tê-las é gozá-las. Parece-me ver aquêle milionário para cujo jardim todos os dias meus olhos se volvem, aquêle jardim vazio de homens, povoado apenas de pássaros e cães, onde, de vez em quando, a figura mecanizada e assalariada de um jardineiro põe uma nota, não de vida, mas de morte, de pedra, de máquina, de fichário, de contabilidade, de salário e caixa, algo que me lembra tôda a acosmia de uma forma de vida. Aquêle milionário *tem*... tem tu-

do aquilo. E no decorrer dos dias, ei-lo como raramente o vejo, apressado, nervoso, percorrer umas alamedas, vestido cuidadosamente, acompanhado de um homem de pasta, estranho, separado dêle, subordinado, duas almas infinitamente distantes e dois corpos aproximados, que um misto de asco, de repugnância, de miséria humana, une. E falam, e falam, e falam. Falam das árvores, das plantas, dos pássaros que cantam, das fôlhas verdes que revestem as árvores, das

nuvens tênues que mancham o azul do céu? Falam de vida? Não; falam de números, cifras, negócios. Pobre milionário, cujo jardim êle tem, mas eu gozo com os meus olhos sem ódio, sem ressentimentos. É dêle? Não! É daqueles pássaros, é daqueles cães, é dos meus olhos, que o gozam e o vivem e de minhas narinas, que, de vez em quando, recebem o ar perfumado de vida, que vem daquelas árvores e daquelas flôres.

O homem metropolitano é isso. Tem, e goza apenas porque tem. Mas gozar as coisas é vivê-las, vivendo a nós mesmos, e nós mesmos através das coisas. Tê-las, é dominá-las totalmente. E não as dominamos porque as estampilhamos com um título de propriedade. Dominamo-las, quando as vivemos através de nós e nós através delas.

Para o metropolitano tudo se despoja de significado. O símbolo já nada significa. Ni-

etzsche, muito humildemente, usando um *nós* no qual êle não se incluía na verdade, diz: "não compreendemos já em geral a arquitetura, pelo menos não a compreendemos como compreendemos a música.

Crescemos fora da simbólica das linhas e das figuras, da mesma forma que nos desacostumamos dos efeitos sonoros da retórica, e não mamamos desde o primeiro momento de nossa vida essa espécie de leite maternal da educação. Num edifício gre-

go ou cristão, tudo, a princípio, significava alguma coisa, e isto em relação com uma ordem de coisas superiores: esta idéia de uma significação inesgotável pululava à volta do edifício como um véu encantado. A beleza entrava de um modo acessório no sistema, sem interessar essencialmente o sentimento fundamental de sublimidade sinistra, de consagração pela proximidade dos deuses e da magia; a beleza "atenuava" extraordinàriamente o "horror", mas o horror era sem-

pre a primeira condição. Que é para nós agora a beleza de um edifício? O mesmo que um belo rosto de uma mulher sem espírito: algo como uma máscara."

Nós perdemos aos poucos aquêles caminhos que nos levavam das coisas aos significados que elas apontavam. Pois bem, moda é isto; moda é a variação das formas sem simbólica, são as formas como tais, e sem significado.

E quando muitos artistas modernos buscam uma simbólica intelectualizada, cere-

bral, rebuscada, esquecem-se do principal: é que o símbolo é afectivo, e está para a afectividade como o conceito está para a intelectualidade. O conceito, na literatura, não toma pròpriamente uma função simbólica, mas apenas serve, no que é, de sinal para conteúdos eidéticos, mas que ligados à facticidade podem memorizar experiências e despertar o afectivo. Aí o conceito, integrado num todo pensamental, perde em parte sua função atômica para tomar uma função tensional,

que o identifica num todo. Neste caso, o juízo expresso por palavras não vale enquanto tal como símbolo, mas o que vale é o conteúdo que êle expressa. Êsse é que é símbolo do que afectivamente sentimos.

Uma simbólica artificial é pura semeiótica, é sinalação, não tem especificidade do símbolo, nem a energia da sua significabilidade. Por isso, essa pseudo-simbólica de certos artistas necessita uma chave que a interprete, isto é, necessita ser reduzida a

outros símbolos, para que seja entendida. É hermetismo, mas um hermetismo exclusivista, para o qual há apenas alguns iniciados: o autor... e os amigos.

*

Quando formamos um esquema psíquico, podemos revertê-lo, se damos apenas um dos seus elementos, que põe em funcionamento os outros, parta de onde partir. E êsse funcionamento é tão vital que sempre o lógico,

racional e conexionador com êle se choca.

"Para muitos pintores foi "bela" a expressão da piedade. E como aos piedosos ela caracterizava uma certa depauperação física, um aspecto lamentável, transladaram o sentimento do belo a essas formas. Um hábito continuado e rigoroso faria extroverter-se o próprio instinto sexual, o qual está muito longe de perseguir finalidades inconscientes em favor do engendrado."

A piedade é bela, eis o esquema. Mas os piedosos refletem depauperação, completa-se o esquema. Há, nesse esquema, uma implicação entre beleza e piedade, mas também se implicam piedade e depauperamento. Era fácil implicar beleza com depauperamento. Se *A* implica *B* e *B* implica *C*, então *A* implica *C*, e o nexo estaria formado. Mas sucede que a implicância entre depauperamento e piedade é ocasional, contingente portanto, e não necessária. Mas que tem o ho-

mem, durante três quartas partes de sua vida, com a lógica?

*

Grande é o que se não escravisa às suas virtudes.

*

O êxito é o documento legítimo de qualquer ato. O malôgro desprestigia até as boas intenções.

*

É mais fácil dizer a verdade que mentir. O mentiroso é, pelo menos, um inteligen-

te, e o veraz pode não possuir essa qualidade.

Se há algum moralista por aí, que me perdoe a irreverência da afirmação.

*

Há gente que exibe com mais requinte aquela qualidade que os outros observam. E isso o faz com cuidados de bom propagandista.

*

Os que nós aborrecemos mais são aquêles que desprezam o que julgamos grande.

*

A ironia é uma homenagem que a fraqueza presta à inteligência.

*

"O hábito é uma segunda natureza". A máxima é de Pascal. Mas, hoje, é de todo o mundo. Está na bôca de cada um. É dessas verdades que atravessam o tempo e o espaço. E isso é, muitas vêzes, uma homenagem inconsciente que a ignorância presta à inteligência. E isso também chama-se imortalidade.

*

Os pregadores da resignação até nos fizeram temer declarássemos que desejamos a glória. E quantos se sentem ridículos por desejá-la. Isso é um recurso da falsa humildade dos pregadores da derrota humana.

*

O que conhece a sua fôrça já a ultrapassou. Fracos são também os que desconhecem a sua fôrça.

*

Nós faríamos uns aos outros felizes se cada um de nós soubesse o que deveria fazer para agradá-los.

*

A maior de tôdas as torturas é a tortura da esperança. Lugar-comum que traz consigo a chancela do tempo que a legitima.

*

Um filósofo poderia falar assim:

— Eu ensino a concepção protêica do homem, como um ser que fui. Tudo no homem está em mutação. Relacionar um raciocínio, não mais as palavras, mas às imagens que êle constrói das coisas, impedirá êsse encadeiamento mecânico do racionalismo, que lhe trouxe tantas convicções e tantas certezas inúteis. O homem tem deduzido verdades de outras verdades. Se analisasse as primeiras, talvez notasse que quase tudo quanto julga verdadeiro são petições de princípio. A impotência em demonstrar certos axiomas não é prova, senão de incapacidade para achar o que há de sólido ou aparente nos axiomas.

Os axiomas são verdades históricas. Os axiomas sempre exigirão demonstração. O homem, hoje, precisa mais uma vez, pôr na ordem do dia, o exame dos seus axiomas. Êles nem sempre resistem a uma análise feita com bravura e robustez...

MÍSTICA

A transmissão do conhecimento de fatos que se processam à distância ou a não transmissão dêsses fatos, mas dando-se o conhecimento por intuições não sensíveis, implica tal coisa, ou projeção da alma aos fatos ou dos fatos à alma. Pode estabelecer-se e seria mais consentâneo à actualidade científica, que

haja uma transmissão vibratória dos fenômenos perceptíveis pelo inconsciente. Êste, em certos instantes propícios, transmite-os ao consciente. Assim chegaríamos à conclusão de que o ser humano possui uma organização psíquica capaz de perceber tôdas as emissões cósmicas, capaz de ultrapassar o espaço e o tempo, capaz de sentir as vibrações do todo; essas vibrações que Beethoven, em sua surdez, dizia ouvir, e que êle traduziu em sons musicais, mas que o insatis-

faziam. Essas vibrações explicariam depois, a noção da intuição, as visões dos profetas, os fenômenos da magia enfim, os misticismos que a ciência havia repudiado por ingênuos. Mais uma vez, num futuro próximo, a ciência casar-se-á com a mística. Ela buscará sua irmã repudiada para que, juntas, percorram os caminhos ainda não trilhados que o futuro lhe oferece.

*

— Vós adorais um deus misterioso e oculto, um deus que responda aos vossos pontos de interrogação. Mas quem não nos dirá que êsse vosso deus não seja o diabo?

*

A maior demonstração da superficilialidade de nossa época está na admiração que fazemos, pregamos e até sentimos, de tôda a beleza exterior.

Nada mais superficial e medíocre que o tipo de be-

leza da vênus moderna. Nossa arquitetura, tôda de exterioridade, sem nenhuma significação expressiva, atendendo, sòmente aos interêsses mais mecânicos da vida de automatismo, é outro exemplo clássico que servirá para a análise de nossa época. Somos, realmente, uma civilização de máscaras.

GUERRA

Quiz-se, por covardia, por temor, por preguiça, arrancar da vida seu carácter perigoso. Fugir à aventura de viver — porque antes a vida era aventura — se impôs como uma premissa. Tornar a vida segura foi o ideal de uma civilização: a nossa. Sobrevieram, apesar de tôda a propaganda pacifista, as

grandes guerras, o que prova que o pacifismo não é uma planta fàcilmente cultivável. E ainda mais: havia necessidade de se exterminar com as causas que determinam a propaganda das guerras. A única utilidade da guerra é traumatizar as populações, arrastando-as às soluções heróicas.

Alegar-se com o aumento da população humana a necessidade do desgaste, responde-se com uma pergunta: Por que buscar aumen-

tar a população humana, com propagandas de natalidade?

As guerras de hoje são odiosas porque são destrutivas, e atingem fundo as obras humanas. Um ano de guerra destrói séculos. Se Nobel pensou liquidar com as guerras pelo aumento do poder destrutivo, poderia assistir, se ainda vivesse, que êsse poder destrutivo imporá uma mentalidade anti-guerreira como jamais houve em qualquer época humana. Depois desta guerra, mais que em 1918, os homens buscam ex-

terminar os elementos que preparam as "causas" das guerras. E para substituir ou dar vasão aos instintos destrutivos do homem, não se buscará o falso amansamento que assistimos, e que nada conseguiu, e forja outra maior, mas se buscará construir uma mentalidade anti-guerreira, incruenta. O homem disporá de emulações, de polêmicas, de choques, de combates, nos esportes e no espírito, que substituirão a necessidade cruenta das destruições.

Mil vêzes preferível se realizassem novos circos de gladiadores a assistirmos a destruição de obras que pertencem à humanidade.

Ninguém tem o direito de destruir o que nossos avós construíram, nem sob a alegação dos mais nobres direitos.

*

— Não há leis na natureza! — Dizia um filósofo positivista.

— Então o universo regula-se pelo acaso? — Perguntaram-lhe.

— Repito: não há leis na natureza. As leis estão em nós, — acrescentou.

— E o universo?

— O universo é nossa síntese de perspectiva. A parte pode interpretar o todo; a parte nunca pode conhecer o todo.

— Sim, mas êste teu postulado é apenas uma outra maneira de crer, e nada mais.

*

Nossa natural vaidade nos deu a impressão de que a

nossa vida orgânica é a fórmula mais elevada de ser. E justificamos com razões profundamente humanas. Uma montanha de granito, se pensasse, acharia, também, argumentos graníticos para provar a superioridade de sua existência que segue ao lado do tempo e da eternidade. Partimos do vitalismo para o mecanismo, e por aí andamos, há séculos, no Ocidente, buscando uma solução que nunca satisfez plenamente. Nossa vaidade jamais aceitaria razões que

dessem à vida a naturalidade de qualquer outro fenômeno, como as correntes marítimas, etc.

E chegamos a tal ponto que, quando queremos nos referir a outros planetas, damos-lhes ou tiramo-lhes um certo prestígio, se são ou não possìvelmente habitados, se têm ou não sêres vivos, semelhantes a nós. E quanto mais julgamos possível que se nos assemelhem, valorizamos nosso conceito, e temos, assim, um olhar de boa von-

tade e de orgulho: "Serão quase como nós..."

*

O que são muitos cientistas? Uns especialistas, obstinados, adversários uns dos outros, que vivem a contradizer o que outros afirmam, intransigentes, ignorantes em tudo quanto diga respeito ao que é estranho à sua especialidade e que, de vez em quando, se atrevem a estabelecer precipitadamente sistemas que universalizem as

idéias e a concepção do mundo.

E querem, depois, transformar-se em novos sacerdotes do homem, propondo-se como guias espirituais da humanidade. E não se afastam muito de seu papel. São intransigentes, e algumas vêzes inquisitoriais, não esquecendo, quando podem, de punir severamente aquêles que se atrevem a desdizer o que acadêmicamente estabeleceram por definitivo.

EUROPA

Já Spengler notava a dificuldade em separar o conceito *Europa* do conceito *Ásia*. Exemplificava com povos como a Rússia.

Se Pedro, o Grande buscou avançá-la para europeizar-se, há, inegàvelmente, no bolchevismo, uma tendência asiática. Com Stalin, a Rússia buscou europeizar-se.

Mais: buscou americanizar--se, — última estratificação do europeísmo em seu sentido de decadência cultural e de exuberância civilizadora — mas já próxima da transformação.

As bases econômicas se assemelham. Pouco países podem transformar-se numa América do Norte tão ràpidamente como a Rússia. É mais fácil que a Rússia se americanize do que a América se bolchevize. É que a Rússia vive agora um instante do Ocidente, que busca

a Ásia. A filosofia socialista, no sentido que o povo russo sente, com seus misticismos asiáticos, é Ásia pura.

A influência russa, na Ásia, é mais intensa e mais profunda que em qualquer outra parte do mundo. Europa, assim, torna-se uma *palavra* quase intraduzível. É apenas conceito geográfico, e êsse mesmo, convencional.

Já chamei a Europa de turbulenta península asiática. E fundamento-o. A maior parte da Europa meridional e oriental é asiática. E, na

história, ainda foi mais, Grécia (Spengler aceita os tempos de Péricles) não foi européia e muito menos hoje.

Em certa parte da Europa, do Vístula ao Adriático e ao Guadalquivir (são de Spengler êsses limites geográficos), formou-se uma mentalidade racionalista e universalizante, influenciada pelo conceito filosófico do catolicismo. Recebendo da Ásia os fundamentos culturais, essa Europa foi mais artificial que profunda.

E o artificialismo tem uma característica: a diversidade, o modismo, a transformação, a mutação. Europa, conheceu sempre transformações, choques de superfície. Já disse que, na superfície, existe um arremêdo de profundidade, um arremêdo ilusório. Caracterizou-a, e ainda a caracteriza, uma tendência artificializante. Qualquer idéia, aí, se artificializa, falsifica-se. Os fundamentos vitais disvirtuam-se. As raízes desaparecem. E a árvore de qualquer cultura tem o as-

pecto de uma parasita. Daí seu transformismo crescente. O que há de tradicional e conservador nêsses povos é o que vem da terra, e só.

A superestrutura européia é artificializada; daí a sua terrível inquietação.

Ela vive angustiada, porque tem sido apócrifa. Não estará aí uma grande verdade histórica?

*

O homem, usando da ciência, quis desterrar a idéia

de Deus do universo. Mas pela ciência tornou a buscá-lo. É o destino das esperanças que se tornam realidade. No fundo da alma humana, há um antagonismo à idéia de Deus, pois a êste emprestamos precisamente tudo quanto nos falta. Por isso o homem não pode negar, no fundo, o ódio que o anima contra a divindade.

Jamais haveria mais alegria no mundo que naquele dia em que os homens pudessem proclamar com convicção: "Deus morreu", em-

bora essa alegria fôsse de dias. Mas a certeza da existência de Deus, ou a dúvida de sua possível existência amarguram os homens.

E essa angústia amargurada manifesta-se numa seriedade falsa e profundamente superficial.

A idéia de Deus angustia. Essa é uma verdade psicológica. E por que? Por que a idéia de Deus é sempre um ponto de interrogação.

Deus é sempre um ponto de interrogação, é o desconhecido; é sempre o misterioso que nos falta para aliviar essa consciência hereditária da culpa.

A percepção do semelhante, a consciência do igual, foram as primeiras estratificações da ordem, o fundamento das funções lógicas.

*

Herdamos erros nos nossos instintos? Não formam êles hábitos necessários para a conservação do indivíduo? Não se estratificam, depois, como impulsos naturais? Não

perdemos, assim, mais um dos nossos critérios, para julgar o verdadeiro e o falso?

*

Ocidente — onde a consciência se hipertrofiou! Nosso sentido ocidental da história, essa consciência da história, é a conseqüência da hipertrofia da nossa consciência.

O racionalismo, que nos domina, busca universalizações. Universalizamos tudo e, porque universalizamos, bus-

camos individualizar o universal. Concebemos *um* universo, e universalidades individualizadas. O mundo, como história, é universalização do homem em sua relação com o mundo e o tempo.

Isso implica uma maneira cômoda de interpretar o mundo. Nós julgamos que, na simplificação, está um dos atributos da verdade; por isso, buscamos simplificações. Conceber o mundo como unidade, e aceitar a determinação de leis gerais, corresponde ao nosso racio-

nalismo universalizante e buscador de simplicidades, uma evidência, um postulado que nem discutimos mais. O universo *deve* ser regulado por leis gerais, como as da ciência. São essas afirmativas, postulados "a priori", razões que nascem de nossos desejos de simplificação, que consideramos indiscutíveis. E construímos, depois, tôda a nossa ciência baseada nesses postulados. Acreditamos nessas leis gerais e buscamo-las, interpretando os fenômenos do universo, sob uma pers-

pectiva única, forçando até as interpretações.

A compreensão da universalidade é uma condição que segue *pari-passu* a essa compreensão monística. Poderíamos tentar uma explicação dêsse *sentido,* dêsse *ritmo,* pela *lei* da economia que busca o menor esfôrço com o máximo resultado.

Não podemos prescindir das leis, pois do contrário teríamos de negar qualquer ordem, o que é absurdo. Contudo, essas *leis* não são necessàriamente aquelas que

julgam os nossos cientistas que presidem os fenômenos.

Essas são apenas símbolos das grandes leis, que só a filosofia seria capaz de achar.

E AMANHÃ

Sócrates, teu reino não findou. Durante mais de vinte séculos de domínio, vinte séculos, tua férula domou os homens.

Bebeste a cicuta, mas a tua morte inaugurou a tua vitória. Viveste presente no espírito dos homens. Vem, agora, porque tornarás a viver!

Empunha a lira. Veste teu

rosto horrendo com um sorriso de sol.

Lança para longe essa arma terrível que vibraste por dois milênios sôbre os homens... Olha para cima, para êsse céu azul, para essas nuvens frágeis, espumosas, para êsse sol dourado e quente. Não cegarão teus olhos.

Tira as tuas sandálias e sente na planta dos teus pés a terra úmida e fértil. Toma, agora, a cítara. Dansa, como dansavam os bons gregos antigos.

Canta, como cantavam os bons gregos antigos. E à sombra daquela árvore, deita-te. E fecha, depois, teus olhos e sonha. Sonha, povoa de fantasias doidas teu espírito. Liberta-o das trevas com que o povoaste. E quando ouvires o som suave da flauta de Dionísio, segue-o que êle te levará à floresta onde há um lago de água cristalina, onde as danaides divertem-se com os homens e os deuses. Sócrates, busca os sonhos de tua gente e de teu povo, que tu, um dia,

analisaste com a frieza de tua razão... E do mundo há de se erguer um grande clamor, e ouvirás estas palavras: "Evohé!... Sócrates e Dionísio aí vêm bailando ao som da cítara e da flauta. O mundo renasce outra vez!"

*

Como se classificará a fantástica ignorância histórica dos "filósofos" metropolitanos de hoje, sacerdotes dessa época de artificialismo estandartizado, quando culpam as

filosofias antigas e da Idade Média, isso no Ocidente, de serem uma verdadeira calamidade, pela apresentação de tão variadas concepções do mundo? Atrás dessa crítica existe, no fundo, a confissão de incapacidade para estudá-las e conhecê-las.

O homem que *participa* dos excitantes violentos das metrópoles, que *metropolitaniza*, tem poucos recursos para a meditação profunda, para o estudo sereno dessas filosofias. Não negamos que êles tenham alguma *razão*, a *sua*

razão: o desprêzo universal da rapôsa que desdenhou as uvas inatingíveis...

*

Em psicologia há uma pergunta: as idéias abstractas e gerais têm uma realidade própria no espírito? Dá-se o nome de nominalismo à doutrina que aceita a generalidade de uma idéia, residindo sòmente no nome que se lhe empresta, e que evoca certas imagens concretas e particulares ou que possa talvez

ser evocada por elas: uma palavra pode ser geral, abstracta, mas não há imagem abstracta e geral.

Os empiristas defenderam uma teoria semelhante: Hume, Condillac, Stuart Mill, Taine, etc.

Na actualidade, há nominalismo naquele que aceita que a ciência não passa de uma conjunção de leis forjadas no cérebro humano, sem base na realidade. As leis científicas "são simples receitas que se não podem declarar verdadeiras, mas sò-

mente que são bem sucedidas."

Os pragmatistas, Pierre Duhen, Ed. Le Roy levaram essa doutrina aos extremos.

Podemos perguntar: não será o cubismo uma busca do abstracto como realidade?

*

O nominalismo foi uma doutrina filosófica que prosperou activamente, na Idade Média, e formou um dos fundamentos principais dos sistemas doutrinários daquela época da cultura ocidental.

Porfírio, numa passagem dum dos seus escritos, conforme se refere Boécio, pôs o problema em aprêço, e perdurou, por séculos, seu estudo e análise. Ou sejam: entre as idéias que pairam no espírito, umas reproduzem um objecto real, independentes do pensamento que nelas se aplicou; outras são puras concepções formadas pelo espírito e fixadas pela linguagem.

Assim, de um lado pairam as coisas; de outro, as pala-

vras. Distinguir o que pertence ao sujeito, e o que pertence ao objecto, representa o exame das nossas faculdades de conhecimento e do conhecimento das coisas.

A tese nominalista afirma que a maioria de nossas idéias representam sedimentações de nosso espírito e de nossa linguagem sôbre as coisas do mundo, reduzindo ao mínimo as espécies reais. As reduções sucessivas são as seguintes:

1) Temos conceitos particulares e conceitos gerais,

ditos universais; só o que é particular tem seu objecto na natureza, os universais não têm senão uma realidade mental.

2) Não há sêres senão os que caem sôbre os sentidos; todo o resto não é senão abstrações; sòmente existem indivíduos, mas só há indivíduos físicos. A idéia não tem nenhuma resistência, e nenhuma realidade fora de nosso espírito: ela é um modo cômodo, mas arbitrário, de organizarmos para nós o cáos e a diversidade das coi-

sas. No IX século, o Raban-Maur colocou-o como problema de gramática. Heinric fêz o mesmo, Berenger de la Tours colocou-o como problema de filosofia, extraindo daí uma série de questões teológicas. Mas Roscelin deu--lhe uma fórmula mais ní-tida.

Formou, assim, a maturidade da idéia. Abelardo, com o seu conceptualismo, tornou mais alto o niminalismo, o que lhe mereceu a condenação da igreja.

Com Guilhereme de Ockan atingiu o nominalismo suas últimas conseqüências, chegando ao ceticismo, deixando a fé em lugar independente.

Mas a polêmica entre realistas, nominalistas e conceptualistas não findou e conhece hoje um novo avatar.

*

O romance é obra da maturidade. Exige experiência. É uma visão panorâmica sôbre a vida, uma experiência de uma experiência, uma

aproximação do sentido humano ao homem.

O romance poderia, se bem aproveitado, servir de um meio ótimo de unificação universal. E isso não implicaria o carácter "ex-útil" da arte, pois o romance paira na fronteira da arte e da vida.

É fórmula transeunte para momentos de transição...

CULTURA

A cultura ocidental é uma cultura mecânica. Não se alegue a grande população da Europa, como "causa" dessa cultura mecânica, porque poder-se-ia estabelecer a inversa, também com evidentes razões.

Há impulsos mais profundos do *ethnos* e do *pathos* europeus que condicionaram,

como um destino, o progresso mecânico.

Para os gregos, nos tempos de Arquimedes, o progresso mecânico era uma coisa vi-ril, própria da gentalha. Gi-na Lombroso-Ferrero, num ensaio sôbre o "por que a maquinária não foi adotada na antiguidade, reproduz as palavras de Plutarco, que, referindo-se a Arquimedes, informava que êste conside-rava a mecânica, em geral, e tudo o que se fazia pela prá-tica, como arte vil e obs-cura", entregando-se sòmen-

te ao estudo das ciências li-gadas à beleza e à perfeição. Por seu turno, também Aris-tóteles escusava-se de estu-dar essas coisas por serem desprezadas pelos sábios e pelos filósofos.

Uma cultura aristocrati-zada, como era a do tempo de Arquimedes, punha a me-cânica prática num plano de inferioridade. As eras em que dominam os homens de negócios e as "vastas mas-sas" são mecânicas. Há sur-tos técnicos, que são despre-zados depois. A História re-

vela-nos cada dia essas fases desprezadas. Não se julgue que nosso progresso mecânico seja um signo de evolução.

O homem ainda buscará elevar o espírito, considerando o emprêgo da máquina apenas como uma utilidade, e não como finalidade dos homens.

*

O homem da metrópole vive alertado. Tudo o obriga a mentir vigilante à sua consciência. Poder-se-ia di-

zer que êsse homem é obrigado a ter a alma fora de si. Não sabe buscar a fecundidade dos grandes silêncios interiores que nascem das solidões. Estar só consigo mesmo apavora. Há aquêles que têm o seu maior terror em estar consigo mesmos. Angustia-os a possibilidade de passar algumas horas sem a companhia de um jornal, de um rádio, de um cinema, de uma pessoa, de um magazine. A alma, ao retornar para dentro de si, encontra-

ria tudo gelado, sombrio, excessivamente mudo.

E êsse silêncio tem um quê de fantasmal. Apressado, alertado para evitar os encontros desagradáveis, tudo, nas ruas, atrai a sua consciência.

São as vitrinas provocantes, e as mulheres mais provocantes ainda; são os homens que passam, as palavras sussurradas de promessas e convites que repulsam ou excitam; os olhares entrecruzados que chamam os sexos; é o grito também pro-

vocante dos vendedores de jornais que apregoam as mais fantásticas notícias do dia.

Tudo é uma excitação. Como acreditar que tenham a alma dentro de si? Para êles a alma não está sediada, nunca, de maneira alguma, no corpo.

O corpo é que está dentro da alma...

*

— Não sei como possas permanecer silencioso, calado, ante uma obra de arte

assim como essa? Palavra que não compreendo que não saibas definir a tua emoção...

— Há instantes em que o nosso silêncio é eloqüente. E há outros instantes, e êste é um, em que uma análise, uma frase, mesma de admiração, soa dolorosamente como um pecado. Admira-se também o belo com o silêncio.

E lembra-te ainda mais: há emoções tão grandes que definí-las seria atraiçoá-las.

*

É uma característica dos latinos a busca de idéias nítidas, delimitadas.

Essa clareza tem alguma coisa de apolíneo, de excessivamente mediterrâneo, porque o apolíneo é um fruto sazonado ao sol cálido do mediterrâneo.

Mas podemos ir além na análise dessa nossa característica: ela já induz um quê de nostalgia, de inquietação, mesmo de angústia.

Angustiam-nos as idéias poucos claras. Pasmamo-nos

ante certas subtilezas e sombras que vêm do norte, e certos misticismos obscuros que vêm do Oriente. As idéias nítidas encerram um certo perigo. Possuem um quê de morte. Têm assim a aparência de amadurecimento do fruto após ter sido arrancado da árvore (da vida?) para o calor do sol.

Êsse amadurecimento poder-se-á negar que seja alguma coisa de morte?

*

A razão leva-nos a negar a vida porque não podemos viver a vida pela razão.

Êsse sentido anti-vital da razão foi que Pascal fixou em seu famoso pensamento. Jamais a razão poderá satisfazer nossos anelos, nossos desejos de eternidade, nossos anseios de lonjuras, porque a razão delimita, contorna, estabelece fronteiras. A razão dá-nos uma atitude ascética ante a vida.

Ensina-nos a negar ou afirmar. A dúvida nunca vem da razão. A dúvida vem

de mais profundo, vem de nossa carne, vem das vísceras, vem dos ossos. A dúvida é vital. O ceticismo não é dúvida; é afirmação. Tem a ridícula pretensão de estar com a verdade. E, no entanto, a verdade está nessa luta, nesse choque mais profundo da alma, cujo sintoma extremo e psicológico é a dúvida.

*

O concílio do Vaticano estabeleceu essa decisão sôbre a filosofia católica: Nenhum

verdadeiro desacôrdo pode existir entre a fé e a razão. (Nulla unquam fidem et rationem vera dissensio esse potest). Aí está tôda a grandeza, para os católicos, da sua religião.

Para os irracionalistas, está aí a sua fraqueza. Para êles, a razão é limitada, restrita. A fé religiosa transcende os limites, busca infinitudes, lonjuras. A fé religiosa, seja qual fôr, não pode submeter-se aos limites da razão, porque seria refutar-se como infinitude. Para

êles, o cristianismo, hoje, necessita libertar-se da razão, como já o fizera Pascal, em parte. Êsse passo perigoso é heróico, mas o único que permitirá, assim julgam, consiga salvar-se da voragem que o ameaça. No entanto, o cristianismo, exotèricamente, nem sempre se fundamenta na razão, mas no sentimento.

Por outro lado, a ignorância dos adversários sôbre a filosofia católica favorece que os mesmos velhos e refutados argumentos sejam constantemente manejados. E

o pior é que influem em outros ignorantes.

*

Há duas constantes universais: "constante do mais" e "constante do menos". A primeira é a marcha para o infinito. A segunda, a marcha para a aniquilação, para o não-ser. No ser vivo, manifestam-se como impulsos de vida e impulsos de morte. Existir é afirmar. O que existe mantém a constante do mais. Esta exige a segun-

da. O que existe, luta por não perecer.

O não-ser cerca a existência, assim como a morte cerca a vida. A luta entre as duas constantes permite compreender o carácter trágico-dialético do cosmos. O jôgo, o choque das constantes foram as coordenadas da existência e não-existência; uma implica a outra. A realidade é antagônica, é chocante, é luta. No homem há o viver dessa polarização da luta, das coordenadas cósmicas. A verdade da nossa rea-

lidade está, portanto, na luta das constantes, porque a nossa verdade surge dessa luta.

*

Desejar ser forte, ter músculos poderosos, fôrça dominadora, idealizar-se um atleta consumado, êste é um desejo infantil, em ambos os sexos.

E mais um exemplo da *vontade de potência?* E aquêles que, na vida, desejam a passividade e a contemplação, desejam, também, por isso mesmo, a segurança e a tranqüilidade que permi-

ta desenvolver essa passividade e essa contemplação.

E isso é, também, *vontade de potência*.

*

A inteligência é também estimulada pelo mêdo. Para Nietzsche, a inteligência mede-se pela capacidade de temer. Para êle a inteligência foi um recurso de temor, da necessidade de vencer. Os animais mais temerosos são os mais inteligentes. A sabedoria, dizem os cristãos, é filha do temor de Deus: Initium sapientiae timor Domini. Essa é a voz dos que repelem a interpretação nietzscheana.

*

A forma de vida, que temos em nosso planeta, só pode nascer em mundos próximos à morte, quando a decadência se processa mais rápida.

Essa forma de vida é, também, um instante que precede à morte, e essa a razão porque é ela còsmicamente decadência.

ESFINGE

Há um símbolo do olhar interrogativo do homem que atravessou as idades humanas e ainda as atravessará: é a Esfinge do deserto. Ela volve um olhar morno, quase triste, para as areias que se perdem, e pergunta: Donde vimos?

Quem somos? Onde estamos? Para onde vamos?

E essas perguntas, mil vêzes respondidas, são mil vêzes reperguntadas, porque as soluções são quase sempre inúteis e falazes. No meio de nosso mundo um homem pensa. Lança seus olhos através dos espaços para buscar a resposta às suas torturantes perguntas.

Que é êle em face de seu planeta senão uma poeira em face de uma montanha? E êsse planeta, onde vive, é menos que uma poeira, se comparado com os sóis perdidos nas vias-lácteas.

No corpo dêsse homem há células, e nessas células átomos. E nêsses átomos, eléctrons, prótons, nêutrons... As distâncias que separam essas partículas mínimas, umas das outras, são tão grandes relativamente ao seu tamanho, como a da nossa terra aos outros astros. São pequenos mundos, também.

Talvez pequenos planetas. Donde vimos? Quem somos? Onde estamos? Para onde vamos? E o chamado infinitamente pequeno é o mesmo que o infinitamente grande.

E talvez êsses nossos universos, que cercam os nossos olhos ávidos na imensidão dos espaços, sejam partículas de um átomo como aquêles que formam o nosso corpo, átomos que pertençam à molécula de uma célula do corpo de outro ser que habite ainda um outro planeta, e que nas horas de contemplação, volvendo-se para a imensidão de seu universo, também murmure as mesmas torturantes perguntas: Donde vimos? Quem somos?

Onde estamos? Para onde vamos?

*

Pode negar a chamada ciência positiva que ela se baseia em postulados a *priori*? Não é isso supinamente ridículo para uma ciência que se chama a si mesma de positiva?

ASTÚCIA

Havia dois homens, um que procurava o trabalho em que lhe pagassem o ordenado mais rendoso, e outro que procurava o trabalho que lhe causasse mais alegria e mais prazer.

O primeiro substituía o seu enfado pelos prazeres que o dinheiro lhe permitia usufruir; o outro temia o enfa-

do, se não tivesse o trabalho que lhe desse prazer. Os dois, em suma, fugiam do enfado. Um intercalava aborrecimento com prazer; o outro, não. Qual dos dois era o mais astucioso?

Essa pergunta foi feita, um dia, a um filósofo que tinha fama de astucioso. Êle respondeu, depois de pensar algum tempo: "Os dois estão certos e os dois errados. Fugir do aborrecimento é antigo como o homem. Buscar o prazer, uma necessidade antiga como o homem. Se fôsse

um dêles, procuraria um trabalho que me desse prazer e que me fôsse rendoso. Seriam dois prazeres em vez de um..."

Dos três, o filósofo era o mais astucioso.

INSATISFAÇÃO

A insatisfação do homem moderno está na falta de maior subjectividade de sua vida. Não há satisfações puramente físicas. São necessárias as espirituais. O árabe possui mais saúde de corpo e de alma que o civilizado ocidental. Porque o árabe tem a felicidade de criar, e conhece a doce embriaguez

da fantasia. No Ocidente, a fantasia é suspeita.

E os totalizadores da psiquiatria criaram nomes de doença até para a saúde. Nós, no Ocidente, somos os pacientes de um grande hospital.

DELICADEZA

Um jovem, impressionado profundamente com a guerra, seguiu em busca de um anacoreta que possuía grande fama de sábio:

— Senhor... — disse ao sábio. Teu nome percorre as terras e soube, que sòmente tu és capaz de me dizer, de me responder ao que pergunto: os homens se des-

troem nas guerras. Nada os aproxima. As religiões pregam o bem inùtilmente. Os filósofos pregam doutrinas de aproximação humana, inùtilmente também. Que podem os homens fazer para enfrentar suas más tendências?

O sábio, depois de uma longa reflexão, disse:

— É inútil pregar que se amem. Inútil prometer-lhes prêmios, ou ameaçá-los com castigos. Êles continuarão sendo sempre o que são.

— Então tudo está perdido, senhor?

— Por que desejar mudar os homens de uma vez? Êles melhoram em alguma coisa, após cada sangria que sofrem... É que sempre queremos ir mais depressa do que podemos. Como conseguir que os maus pratiquem o bem pela simples proclamação do bem? Que adianta propor prêmios futuros em que êles já não crêem mais? Há uma única solução para se obter a melhoria dos homens.

Fêz uma pausa e chamando-o para mais junto de si, disse:

— Não te aconselho a pregar aos homens. Mas se quiseres fazê-lo, vai e lhes prega o seguinte: A mais fácil de tôdas as virtudes é a delicadeza. Sejam uns delicados para com os outros. Sorri, embora não o queiras, ao teu próximo. Sê sempre gentil. A grande virtude é a delicadeza. Nada tendes a dar, quando delicados, e nada perdereis. Quando os homens houverem aprendido a ser

delicados, terão construído um clima propício a se amarem uns aos outros, mas num amor que construa, um amor de fortes e não de fracos, um amor que aproxime sem humilhações nem resignações, ensinando uns aos outros a vencer os seus limites, conquistando, assim, uns pelos outros, um mundo em que todos sejam fortes, porque todos vencerão suas fraquezas. Só há êsse caminho.

NEO-HILOZOÍSMO

A ciência hoje busca um néo-hilosoísmo. Paracelso foi o hilozoísta do século quinze. É que os extremos se tocam. O panpsiquismo paracelsiano é um precedente do panpsiquismo nietzscheano, com fundamentos no espinozismo e no heraclitismo.

A ciência de hoje parte para um panteísmo. Estamos

numa época essencialmente histórico-relativista.

Os homens têm consciência de que fazem história. Integralizamos os conceitos esparsos; buscam-se explanações, leis que sejam absolutamente universais; busca-se a unidade de tôda a ciência em leis genéricas, que expliquem todos os fenômenos. O panpsiquismo será uma próxima conquista. E Paracelso voltará a ser lembrado, estudado.

Os próximos dois decênios, que serão decisivos para o

destino do "homo sapiens", marcarão êsses retornos da filosofia e da interpretação cósmica. E essas são filosofias que perfeitamente correspondem ao nosso momento histórico. Ela será suplantada, depois, por outras doutrinas que darão outros rumos à ciência e à filosofia.

O homem pensará e interpretará seu mundo através de seus "instantes" históricos. Predominará sempre a filosofia que se adaptar a êsse instante.

Daí que os fundamentos da dialéctica histórico-trágica são e serão verdadeiros sempre numa projeção da atualidade aos séculos vindouros. Mas, numa época que busque, que queira absolutismo, essa doutrina será absolutamente inadaptável e inaceitável. Sua "verdade" sofrerá, assim, restrições de acôrdo com a época. O homem de hoje, se pudesse examinar os séculos futuros, acabaría usando êsse método.

Mas um homem do futuro, que estudasse os séculos pas-

sados, os veria de acôrdo com seu novo "esquema óptico". O homem dos dois próximos decênios julgará a doutrina eterna, porque ela interpretará os fenômenos, e até a atitude dos nossos descendentes, dentro de leis ou princípios integralmente aceitos. Mas verdadeira, também, a doutrina dos homens futuros, que interpretarão o mundo através de seu novo esquema óptico.

Assim cada época conhece a "sua" verdade.

Para o gênio há três caminhos: o da descoberta, o do raciocínio e o do clareamento dos nexos, ou seja, a ordem histórica, a ordem lógica e a ordem ontológica.

*

Entregar-se apenas ao exame dos factos como o deseja o espírito acadêmico de má origem, sem projectar uma hipótese ou uma teoria, é, na verdade, uma manifestação de covardia intelectual.

O homem de ciência, de real valor, não será apenas

um colector de fatos, mas um intérprete do que êles simbolizam ou meramente apontam.

*

Se a arte não se manifesta na cópia da vida, não é apenas a sua tradução pessimista, tão ao gôsto do espírito demoníaco da nossa época, mas também a sua exaltação nas possibilidades, que, embora improváveis, poderia ter ela, mesmo quando mentirosa.

*

Nós criamos símbolos para exprimir, em conceitos, as generalizações que aprendemos dos fenômenos. Depois, substanciamos êsses símbolos e raciocinamos com êles como se fôssem entidades mais que lógicas quase físicas.

Daí parte a estratificação dos nossos preconceitos.

*

Uma fé profunda e demorada funda-se nos sentimentos, não na razão.

E ela é mais profunda e mais ativa, e conhece, ainda, seus instantes de vacilação e de dúvidas, quando se enraíza no sub-solo do inconsciente. A inquietação, a angústia, são os seus sintomas. Mas juntem-se outros: a intolerância ou a própria tolerância...

*

Dar vida às coisas inanimadas, emprestar-lhes atributos, qualidades quase conscientes, buscar a metáfora, não é fotografar a na-

tureza. Sentir as coisas estranhas através de nós mesmos, situá-las através de nossas emoções e sentimentos, afectividades e sonhos, desejos e vontades, é um realismo que a maioria dos realistas não podem compreender.

Repito: a arte está no artista, não na natureza.

*

Os filósofos de hoje desdenham a metafísica, mas fazem declarações sôbre a al-

ma, através da psicologia; sôbre a substância estudam os prótons, subdividem-nos, e subdividirão suas subdivisões; discutem a eternidade, o infinito ou o finito do universo; se há, ou não, outros universos; e sôbre condicionalismo ou incondicionalismo, sôbre a eternidade da matéria, sôbre a desmaterialização da matéria escreveram-se montanhas de livros, e ainda desdenham a metafísica.

*

As individualidades são determinadas. E por que quereis que o determinado seja infinito em número? Como é possível o infinito em número?

*

A velha fábula da rapôsa e das uvas tem sempre actualidade e inúmeras aplicações. Certo crítico afirmava em uma das suas crônicas, que um determinado poeta, em um verso apenas, dizia mais que muitos filósofos em

longos e confusos tratados. E a seguir citava o verso. Que revelava tal coisa, senão a ignorância do poeta sôbre os tratados e a sua pobreza de conhecimento quanto ao pequeno verso, que nada mais repetia que um lugar-comum da filosofia. Não vou repeti-lo. Não vale a pena.

Mas tal coisa nos faz lembrar aquêles que dizem constantemente que a escolástica está superada, que a filosofia está superada. Mas superada por quem? Por uns

pobres poetas de lugares-comuns filosóficos?

Aqui também se aplica a velha fábula. As obras dos escolásticos são pouco conhecidas, e até por filósofos de fama. Ademais, não é muito fácil a qualquer um. Um grande filósofo dos nossos dias confessava numa carta que não entendera a obra de tal ou qual autor. E por que não a entendera? Era a obra obscura? Não. A obscuridade estava em quem a julgava. Razão, e muita razão, tinha Lichtenberg quando pergun-

tava: quando um livro se choca com uma cabeça e soa ôco, a culpa é do livro?

*

Aquela montanha que recorta o horizonte já não é mais um gesto da natureza nem uma sentinela perdida. É agora apenas um entrave à estrada que segue para o leste.

E também aquelas nuvens carregadas e a névoa, que cobrem o horizonte, não são mais a natureza em cólera

nem o manto de tristeza que cobre as coisas, mas um risco ao avião, uma cortina que ameaça perigos.

Tudo hoje perde a significação que tinha. Nós evoluímos tanto, tanto, que perdemos, a pouco e pouco, a nossa ingenuidade. Os nossos símbolos eram mantos de pudor para cobrir as coisas. Elas não eram o que eram, mas o que significavam.

O riso claro daquele regato não é mais a canção que ouvíramos, nem os pássaros cantam as coisas do mundo,

mas a sua fome e os seus míseros desejos.

Tudo perdeu para nós a sua significação. O mundo é agora, e apenas, o que as coisas valem para os nossos mais utilitários interêsses.

O mundo é agora, e apenas, um objecto de mercado. O espírito do mercador venceu. Os vendilhões do templo, que Cristo escorraçou, terminaram vitoriosos. A interpretação meramente econômica e utilitária da vida e do mundo é apenas uma concepção de mercadores.

FELICIDADE

O Califa de Córdoba, Abderame, deixou escritas essas palavras que só foram conhecidas depois de sua morte:

"Reinei mais de cinqüenta anos e o reinado ora foi pacífico ora virtuoso; eu era amado dos meus súditos, temido dos meus inimigos e respeitado por meus aliados. Riquezas, honras, poder, prazer, tudo acorria à minha voz; parece

que não faltou nada para ser feliz. Nessa situação venturosa na aparência, contei cuidadosamente meus dias de felicidade verdadeira: sobem a quatorze... Mortal, quem quer que sejas, não contes com a felicidade dêste mundo."

Abderame, parece que não te faltou nada para seres feliz. Precisamente te faltou foi ser feliz, além de quatorze dias. Devias ter dito o que tiveste nesses quatorze dias para sêres verdadeiramente feliz. Devias dizer o que fêz a tua felicidade, nesses quatorze dias. Eis uma regra para os pobres mortais:

"procura na tua vida o dia em que te consideraste verdadeiramente feliz. Examina o que fêz *a tua* felicidade. Assim conhecerás de que *pode* ser feita a tua felicidade. É sempre *alguma coisa* que não tens todos os dias, senão em raros, ou nunca.

E se inventares para os teus dias um motivo de ser feliz, não haverá felicidade em cada dia? — Alguém poderia interromper assim e, ainda, dizer mais:

"Nos teus dias felizes houve algo que te fêz feliz. Êsse

mesmo algo, em outro dia, te faria feliz?"

*

Sistematizar é querer regular dentro de esquemas a vida em movimento. O que importa é compreender a vida, relacioná-la com nossos símbolos, interpretá-la através de nossas perspectivas e vivê-la afirmativamente...

*

Os nobres nunca realizariam a técnica. Por isso va-

mos negar os nobres? Os burguêses realizariam a técnica, mas nunca sedimentariam o Ocidente.

Por isso vamos refutar os burguêses?

CONFISSÕES DE UM HOMEM QUE JÁ VIVEU

— Que terrível destino o meu. Durante setenta anos percorri a vida. Na infância passei aquêles momentos agônicos entre a vida e a morte. Na juventude, enchi-me de sonhos. Conheci vitórias e amei desesperadamente. Na mocidade, entreguei-me de corpo e alma à construção do meu futuro. Vi

sempre perto a realização dos meus sonhos juvenís. Deixei para trás, com um sorriso de condescendência, aquêles que foram demasiadamente elevados.

Exaltei minha vida em novas imaginações. Julguei possível a felicidade e tratei de construí-la. Veio a idade madura com as experiências dolorosas. Somei derrotas as minhas vitórias desejadas. Conheci a nostalgia dos que olham os caminhos percorridos e já não sabem distinguir as estradas... Parei

muitas vêzes à beira do caminho para recordar. Mas segui adiante, como uma peça de um relógio cônscia do efêmero de tudo. A velhice gelou-me o sangue. Esbranquiçou meus cabelos, dobrou meus ossos, ruinou meus músculos, reduziu-me os horizontes onde se poisavam os meus olhos cheios de vida, de confiança, de esperanças. Estou chegando ao têrmo de minha vida. Que longa estrada... Que lembranças me acompanham agora! E que dificuldade pa-

ra ver o que já fiz, para julgar o que já fiz. Tenho uma única realidade. Fui um viandante. Percorri o mesmo caminho que outros já percorreram e outros percorrerão, e, no entanto, resta-me a única certeza que o caminho é o mesmo, que nada pude fazer para mudá-lo para outras direções. Mas aos outros sempre resta a esperança de que o fim seja diferente.

A esperança põe névoas no caminho, e não deixa que os homens conheçam o têrmo

da viagem antecipadamente..."

*

Excluir o personalismo dos seus atos, observando os fatos objetivìssimamente, é uma demonstração palmar de mediocridade.

Só os medíocres podem ser assim. Não se concebe um gênio objetivìssimo e impessoal...

*

As idéias também conhecem seu nascimento, sua vida e sua morte...

*

Hoje discutimos tanto a arte, precisamente porque não a vivemos mais como a vivíamos, porque ela não mais ocupa seu verdadeiro lugar em nossa vida e por isso perdeu sua ligação ao referente simbolizado.

Nós não discutiríamos um tema sem que êle nos tivesse apresentado uma perda em seu conteúdo anterior, e êsse conteúdo estava em nós, ou então em nós êle se modificou.

Discutimos sôbre Deus quando não o sentimos mais.

E se hoje discutimos tanto o valor, é porque sentimos tanta perda de dignidade no homem que êsse tema se torna por isso exigente.

*

A primeira antinomia fatal e necessária é a antinomia da existência finita. Nela é sempre necessário que exista oposição. Êsse o carácter trágico da dialética.

*

Tôda hipótese científica é um acto de fé.

*

Há uma diferença notável entre a filosofia e a ciência. Esta *acrescenta* a cada saber um novo saber, a cada *explicação* acrescenta outra explicação. Na filosofia, ao contrário, cada nova teoria quer negar as outras, *substituí-las*. Se examinarmos a dialética do tempo e do espaço, vemos que, no espaço, há acrescentamento, presença de uma parte *com* outra. Do espaço deduzimos, e ao espaço acrescentamos. No tempo há substituição de um instante por outro. A filosofia é mais

tempo, por isso mais profundamente histórica que a ciência. Mas êsse aspecto apenas revela sua actividade em geral, porque, quanto ao método, a ciência é mais dialética. Esta conserva e supera, enquanto aquela substitui. A ciência realiza assim um progresso qualitativo e quantitativo, conseqüentemente é escalar (mais ou menos), enquanto a filosofia, por substituir, torna-se alternativa (ou... ou...). Substitui uma posição por outra; uma nega a outra. Não há, então, um

acrescentamento na filosofia? Há; e a filosofia deve aceitá--lo, e com êle proceder, construir, realizar, libertando-se da alternativa rígida. Só por êsse caminho a filosofia se tornará também progressiva. A aceitação dessa actividade permite, desde logo, tomar--se uma posição cêntrica, eqüidistante tanto quanto é possível qualquer humana eqüidistância ante as tomadas de posição extremas e sobretudo unilaterais. A conquista dessa posição oblíqua permite coordenar a filosofia

numa visão geral histórica, que a revelaria genèticamente, com a antevisão, outrotanto, de suas possibilidades reais.

— Que existirá atrás do arco-iris?

Os olhos infantís estão voltados para o maravilhoso país que fica atrás do arco-iris!

— Quero correr mundo! Quero ver terras maravilhosas, onde existam fadas, gênios bondosos e onde não haja a dor!

E há séculos que os lábios infantís exclamam essas palavras! E não temos nós também, nós adultos, já carcomidos pela idade e pela experiência, os nossos olhos voltados para os países maravilhosos da nossa imaginação? Não construímos o sonho ilustre de uma grande vitória?

Não acreditamos também em fadas bondosas e feiticeiras malvadas?

Não acreditamos no poder dos "Mágicos de Oz", na inteligência dos "Homens de

Palha", no coração dos "Homens de Lata" e na coragem indesmentida dos "Leões Covardes"?

"O Mágico de Oz" foi uma obra prima, cuja realização e intenções foram muito além das desejadas por seu autor. Há, alí, uma filosofia infantil, simples, mas humana, que se assimila de maneira viva e profunda à realidade da hora que passa.

O "Homem de Lata" não tinha coração. Estava convencido disso, porque não ouvia o tique-taque lá den-

tro, ressoando pela lataria. E era com tristeza na voz que êle dizia: "Infelizmente, eu sou de lata."

E se volvermos os ouvidos pelo mundo ouviremos os "homens de lata" exclamar: "Sou justiceiro! Não me guio pelos sentimentos! Faço simplesmente justiça!" E aquêle homem de lata, era o mais sentimental de todos. O Homem de Palha não tinha inteligência porque era todo de palha. "Eu sou um simples medalhão de palha... Triste espantalho que assusta os

pardais!...” Assim era em Oz.

O Leão Covarde acabou carregado de medalhas da Legião de Bravura. No entanto, tinha mêdo até do próprio rugido. Mas os Leões Covardes não acabam sempre assim? “Eu sou valente. Eu derroto um a um os meus inimigos!”

Mas, na floresta dos duendes, diz: “Não creio em duendes! Não creio em feiticeiras!” E quando vê os duendes à sua volta, exclama cheio de mêdo: — “Eu creio!

Eu creio em feiticeiras, eu creio em duendes! Eu creio! Eu creio! Eu creio! Eu creio!” — E cada vez mais alto para que o ouçam!

Mas, depois, outra vez, volta à bravata:

“Eu derrotarei os meus inimigos, eu desbaratarei as tropas de meus adversários, eu enfrentarei a feiticeira malvada, eu destruirei os seus exércitos e tomarei o seu castelo. Mas, meus amigos, Homem de Palha e Homem de Lata, eu só vos peço

uma coisa: dissuadam-me dêste meu intento!

Oh! exclamação univesal dos leões que fogem através de todos os tempos!

E tu, Mágico de Oz, que falas através do microfone que amplia a tua voz de falsete e a torna portentosa; tu que diriges povos, que lhes não apareces senão nimbado de nuvens, das chamas magnificentes dos teus exércitos e da tua fama, tu, Mágico de Oz, que diriges homens e diriges povos, onde estás?

E essa voz não se ouve por todos os rincões da terra?

Dorothy, criança simples, ingênua criança, quem és tu?

— Eu sou todos vós que me ouvís, porque como fôsteis, eu sou criança! Acredito nos Leões Covardes, nos Homens de Palha, nos Homens de Lata e nos Mágicos de Oz!

Creio na terra feliz de Oz, no castelo das esmeraldas, nas fadas benfazejas, mas temo, também, os duendes das florestas, as feiticeiras do mal!

Que maravilhoso conto de fadas êsse "Mágico de Oz", que deleita as crianças de tôdas as idades, e que está cheio de intenções.

Uma liçãozinha de filosofia simples, que toca no fundo da gente. Quem não o entendeu, que diga bem alto:

— Vamos ao castelo do Mágico Oz, como o Homem de Palha, pedir inteligência! Basta seguir a estrada amarela!...

A VIDA IMITA O CINEMA

O cinema tem ido buscar na vida os temas para os seus mais eloqüentes dramas. E muitos olhos humanos têm chorado as dôres e as tragédias das heroínas da tela e os corações têm pulsado ante a emoção da vitória dos seus heróis. O cinema tem imitado a vida. Muitas vêzes tem-na enobrecido, orna-

mentando-a com histórias fugidas da realidade, e que povoam de sonhos, de ilusões, terminando, quase sempre com o clássico "happy end", tão a gôsto das platéias vulgares.

Há pouco tempo, o cinema projetou na tela da vida êsse final de filme: É outono e o vento varre as ruas de Nova York. Num tribunal, uma mulher comparece. A voz é apagada e as roupas envelhecidas não escondem um certo porte aristocrático. No

rosto descuidado perduram ainda os traços de uma beleza apagada:

— Sr. Juiz, meu pedido é o mais justo. Tenho uma filha e o meu ex-marido, pai dessa menina, é rico. Êle bem poderia dar uma pensão que permitisse continuar a educação de minha e de sua filha, que está num colégio, onde trabalha para poder se educar. Como não tenho nada e vivo miseràvelmente e sem trabalho, sou forçada a tirá-la do colégio,

e ela terá que seguir os azares da vida sem ter recebido a educação necessária que lhe garanta o seu futuro. Estou com muitas mensalidades atrazadas e, ùltimamente, tudo me tem corrido mal. Não tenho a quem apelar, senão ao pai de minha filha. Êle é o príncipe M'Divani, e nega-se a atender-me. Por isso recorro, hoje, à justiça.

O juiz franze a testa e carrega o sobrolho. Põe sôbre a mulher seu olhar profissional, admira aqueles cabêlos

louros desalinhados, e observa atentamente em silêncio o vestido velho que cobre o seu corpo. Por sua imaginação talvez passem reminiscências de emoções que já experimentara. Talvez recorde ainda trechos de músicas que não se apagaram de sua memória, e tenha nos olhos uma imagens quase desfeitas de cenas que já vivera. Fecha levemente os olhos como para fitar melhor, e diz lentamente:

— Não está você em condições de sustentar sua filha?

— Não, sr. juiz...

— Não ganhou você centenas de milhares de "dóllars" no cinema e no teatro?

— Sim, ganhei... — responde ela baixando a cabeça — ganhei... mas hoje estou na miséria. Não tenho casa, nem sempre tenho o que comer...

— Isso é incrível!!! Onde mora você, Mae Murray?

— No Parque Central, sr. juiz. É alí, num banco, que

eu tenho passado estas três últimas noites..."

Mae Murray, a estrêla que dominou o céu cinematográfico até 1929, a Joan Crawford do cinema mudo, a intérprete de "Viuva Alegre", "Saxofonomania", "Fascinação", e tantos outros que foram os grandes êxitos do passado, não tem casa, nem tem roupa, não tem com que possa educar sua filha.

Dirão: porque não foi previdente e não juntou o necessário para garantir o seu

futuro? Mas é o triste destino das cigarras humanas, êsse. Aquêles que levam a vida dando o seu trabalho inteligente para divertir as multidões, que pararam à luz da ribalta para receber os aplausos das platéias emocionadas, nem sempre possuem o espírito utilitário e previdente dos sêres "normais" e comuns. Vivem a glória do momento que os embriaga, e o dia de amanhã é sempre algo longínquo que os olhos não vêem como uma fatali-

dade. São anormais ante a normalidade corriqueira da vida. E a miséria é às vêzes o epílogo de suas glórias.

John Gilbert, outro grande astro do passado, galã de celuloide que arrebatou os corações femininos, morreu na mais extrema miséria.

O grande David Grifith, o diretor máximo da tela dos tempos do cinema mudo, viveu implorando, de estúdio em estúdio, que lhe dessem um pouco de trabalho, e lhe concedessem mais uma opor-

tunidade, pois sabia que ainda tinha talento para criar algo de belo e imenso.

Não é de admirar que hoje os artistas sejam utilitários, porque hoje vivemos um mundo apenas utilitário até que o homem, faminto de ideais, vá procurá-los outra vez.

ONDE HÁ UM GÔSTO DE PROFANAÇÃO...

Profanadores de túmulos, de cérebros e de ideais, êsses senhores circunspectos que se debruçam nas longas noites de vigília sôbre seus livros, sôbre suas retortas, sôbre seus estudos, para a análise da vida do homem e da alma...

A ciência profanadora das almas chama-se psicologia.

"Profanação, teu nome é mulher!" Ouçam, é a ciência que fala:

"Quando Dante desceu aos infernos... É a realidade interior dos sub-solos da alma, uma peregrinação simbólica ao inconsciente." Depois começa a ascenção ao Monte da Purificação", onde o poeta desempenha uma parte ativa em exercícios expiatórios, num trabalho interior de regeneração. É o outro lado, o sintético, da experiência íntima da análise. Depois Virgílio entrega-o a

Beatriz... que é a alma imaculada que o poeta recupera, após o esfôrço humano da regeneração." "A descida aos infernos mostra o inconsciente recalcado, descoberto pela primeira fase, redutivo-causal, da experiência íntima da psicanálise.

Mas o inconsciente não é só o passado da humanidade, mas o seu futuro latente... A "descida aos infernos pela psicanálise completa-se na "subida aos céus" pelo trabalho espontâneo de recondução da psico-síntese..."

Meu Deus, pobre Dante! Quando imaginarias tu, ó nobre florentino, que estarias nos manuais de psicologia, nos tratados de psicanálise, examinado, dissecado, transformados os teus sentimentos, os teus desejos e a tua obra, num montão de coisas mortas, separadas, catalogadas, divididas, tendo cada uma a montar guarda um palavrão altissonante para explicar a gênese dos teus sonhos...

Pobre Dante! Talvez agradeças no fundo escuro do teu

túmulo, a hora bendita que te arrancou do meio dos homens e permitiu que os teus olhos não vissem essas palavras, nem teus ouvidos êsses tons que te soariam mal...

Se êles pudessem, profanariam o teu túmulo, e iriam cortar as tuas carnes com o bisturi afiado, na ânsia de encontrar no teu cérebro células epiteliais de forma piramidal, para explicação da tua genialidade. E, depois, estarias catalogado nos manuais de psiquiatria, tendo para tua glória a coroa de

louros de um nome de vinte ou mais letras além de três páginas de análise, bem ao lado de qualquer paranóico, como exemplo para os homens estudiosos, que passam as noites sôbre os livros, sôbre as retortas ou sôbre os corpos nus dos que não têm ninguém que lhes venha reclamar o cadáver.

UM HOMEM QUE SE VESTIU DE HUMANIDADE

Estamos no velho bairro londrino de Kennington. As figuras quotidianas da babélica Londres passam anônimas pelas ruas úmidas.

Mas para os olhinhos espertos de um menino pálido, elas guardam um certo eternamente atual que provoca ternura, afeição, quase lá-

grimas. Dir-se-ia que essa criança, alheia aos brinquedos dos outros, que enchem de algazarra as ruas tortuosas, que saltam da morte que lhes ameaça um carro pejado de mercadorias, que atiram pedras, insultam os que passam, ou formam grupo à volta de um velho lampeão apagado, porque a tarde ainda nevoenta poeira luz sôbre as paredes úmidas, dir-se-ia que essa criança alheia, distante, porque seu olhar paralela-se pelas silhuetas dos que passam, é doentinha,

guardando em sua magreza desnutrida, a satisfação impossível de um desejo longínquo... Não causa pena. Nem suas vestes rôtas, nem seu ar pálido, porque em Londres, e sobretudo nessa tortuosíssima Kennington, há muitas crianças de rosto pálido assim.

Saberá ela que êsse mundo não é bom? Não tem ela no estômago vazio uma afirmativa torturante? E se lhe perguntassem o que era a felicidade, que sorrizinho triste e ingênuo não pararia

em seus olhos vivos, e que interrogação aflita não lhe comprimiria o coração?...

Felicidade é milagre... E estamos em Londres de 1890, Londres babélica, úmida, triste, e andrajosa. Os milagres são impossíveis.

Mas pela outra calçada, seus olhinhos agora se fixam insistentes, naquele vulto de pés abertos, de calças largas, endurecido pelo reumatismo. Está curvado sôbre um bastão fino e frágil. Traz, cobrindo a cabeça da névoa fria, um chapéu de côco já

velho, descolorido. Um fraque em andrajos que lhe deram. Veste-o para cobrir a magreza do corpo esquálido. Uns sapatões, de ponta revirada, que herdou de um defunto qualquer. Lá passa êle, num passinho curto, pés espalhados, de juntas duras. É um velho lava-coches de Lambeth Walk. Um pobre resíduo humano, que caminha arrastando penosamente as pernas cansadas. Tem um ritmo grotesco. Desperta o interêsse dos meninos que brincam na rua, que se

Digitalizado com CamScanner

abrem em riso, gargalham do andar derrengado de gotoso, do homem de cartolinha. O dono do açougue defronte também ri. O ritmo dos seus passos faz rir. Ri a rua tôda do fraque anacrônico. Riem dos sapatões de ponta revirada. Riem da cartolinha sem côr. Só o menino pálido, sentado à beira da porta, não ri. De olhos fixos nêle, acompanha-o, e êle segue indiferente à gargalhada da gurizada que o persegue. Não se volta.

Segue curvado em seu passo curto. Para êsse menino é um símbolo.

Alí está a Humanidade vestida de andrajos. Veste uma casaca que não é dela. Que símbolo de hipocrisia! Veste um chapéu de côco, que é um símbolo de vaidade, em quem não tem vaidade. E aquela bengalinha frágil é tôda a dignidade dos homens, num homem que nem siquer sabe mais o que seja dignidade. Êle, o menino pálido, não forma êsses pensamentos. Nem siquer os

conduz. Mas os sente. Aquêle instante encerra um eternamente atual, que grava, para sempre, em si mesmo, sua própria personalidade. Êle, um dia, talvez possa ser como aquêle velho gotoso, de sapatões revirados, de fraque estranho, de chapéu de côco. Todos riem da tragédia daquela desgraça física. Todos riem atroando a rua de gargalhadas. E o velhinho passa. Só o menino pálido não ri. Só êle o acompanha com seus olhinhos molhados de lágrimas.

Só êle chora, alí. Por quê? Não sabe! Não há porque, para êle, em suas lágrimas. Mas, naquele instante, sente, como nunca sentira, a realidade de si mesmo. Aquêle momento, aquela figura ridícula, aquelas gargalhadas intermináveis, fixam-se nêle, para sempre. Não se contém mais. Soluça. O pastor do bairro passa nêsse instante. Aproxima-se dêle. Passa-lhe a mão sôbre os cabelos negros e pergunta-lhe paternal:

— Por que está chorando,

meu filho? Alguém te fez algum mal, fêz?

— Não, pai.

— Então, não chore...

— É que aquêle homenzinho me fêz chorar...

— Mas, por que meu filho?

— Não sei, pai. Não sei... Aquêle homem me fêz chorar quando todos riam dêle... O pastor compreende. Acerca-se dêle. Ergue o menino pálido e magro, de nove anos desnutridos, e segurando-o nos braços, limpando-lhe as lágrimas, diz-lhe:

— Não chore, meu menino. Como é seu nome? diga...

— Charlie...

— Charlie de que, meu filho?

— Charlie... Chaplin...

E o menino magro e pálido os anos formaram um homem. Conhecera a miséria, conhecera o ridículo da dor humana... E nela formou sua mentalidade. Charlie Chaplin tornou-se, depois, no palco e no cinema, o histriônico tipo da tragédia humana. Êle gravara para sem-

pre, naquêle homenzinho gotoso, o tipo eternamente atual da tragédia dos resíduos humanos. Sua alma, sua personalidade, nasceu naquele dia, em que aquêle homem seguia ao ritmo ridículo de seus passos. E foi com lágrimas que formou sua alma. Cimentou-a, assim.

Charlie Chaplin é nós, na tela. No fundo, todos nós, somos humanìssimamente aquêle homem de sapatos enormes e revirados, aquêle fraque gasto e rôto, cobrindo a pele e o corpo magro,

aquêle chapéu de côco ridículo e uma bengalinha que é tôda a nossa dignidade.

Chaplin disfarçou-se naquêles andrajos. Fêz da fôrça um símbolo humano. Vestiu-se de humanidade. E, depois, quando o vimos em "Circo", "Busca do Ouro", "Luzes da Cidade" e "Tempos Modernos", vimos, nós mesmos, vivendo a tragédia quotidiana do ridículo de cada um. Hoje, Chaplin, compreendendo o trágico dêste momento humano, em seu último filme: "O Grande Ditador", prova-

-nos que até a gargalhada tem uma grande significação. E quando, nas salas dos cinemas, as multidões riem do ridículo de Tinkel e de Napolini, os dois ditadores que querem conquistar o mundo, elas poderão pensar no trágico destino do homem através da história...

NÃO HÁ FÓRMULAS DEFINITIVAS

Assim como na música, há algo na poesia que transcende ao mundo do nosso conhecimento ótico, pois êste é limitado às resistências luminosas.

É a arte que nos tem ensinado que o limite é apenas uma resultante de nossa experiência e há possibilidades

de um espaço cósmico sem limites e que exceda também à possibilidade ótica. É a transcendência que oferece a arte, enriquecimento portanto do homem, que não pode estreitar-se ao campo puramente "realista" que desejam alguns por impossibilidade de atingir essa transcendência. Daí, limitar a arte ao esquema puramente da sociologia, é encadeá-la a algemas tão cruéis como jamais foi imaginado.

A arte é evasão, não prisão. E esta tendência de um

além da realidade é precisamente a grande característica que marca a tendência da arte ocidental dos últimos séculos, cuja limitação é absolutamente criminosa. A liberdade da arte não nega absolutamente a necessidade de reforma e de reversibilidade social. A arte pode ajudar. Mas pagar essa ajuda exigindo que ela entregue sua liberdade é violentar uma simpatia.

Ora a poesia como a música não se enquadra na estreiteza dos ângulos matemá-

ticos tridimensionais do espaço. A própria pintura nega as afirmações da teoria do conhecimento. É que o mundo, como conhecemos, é uma acomodação que fazemos e não representa uma realidade em si. O artista pode captar profundidades não indicadas pelos sentidos.

É aí que êle é um criador. Cingir o artista a apenas esboçar o mundo do aspecto puramente mecânico, estratificado, do conhecimento, é torná-lo um copista não da realidade, não da natureza,

mas pior ainda, de um esquema prático do conhecimento. Ora a arte precisamente não é isto.

Todo o produzido implica uma produção. Esta é a forma vital, dinâmica da existência. O produzido é simplesmente o estratificado. O nosso conhecimento é formado por essas estratificações. O artista vai surpreender a natureza em sua produção, em seu movimento, em seu constante vir-a-ser.

Não são adeptos sinceros do devir aquêles que julgam

se encontrarem fórmulas definitivas para o homem. Seria encadeá-lo nos esquemas e nas escalas de valôres do que julgamos o melhor. E o melhor é um dos mais obstinados equívocos do homem. Não temos o direito de querer traçar o destino das gerações futuras. Temos, sim, o dever de permitir-lhes uma escolha. Por isso tôda limitação à liberdade criativa é um crime contra a natureza e a história.

O espaço e o tempo são impressões primárias resul-

tantes do estado de consciência vigilante. Os místicos e os ascetas conhecem perfeitamente o que consiste na negação do tempo e do espaço. É brutalizar, é violentar o homem negar-lhe a possibilidade de transcender a si próprio.

Tudo quanto queira impedir uma superação do homem é uma negação do homem, porque êste é precisamente o animal que luta pela sua superação, apesar daquêles que julgam que se possa traçar destinos para

séculos ou para todo o sempre.

Quando o homem se diferenciou do espaço criou o sentido da direção. Mas a diferenciação do homem do espaço cósmico é apenas uma impressão acomodatícia. A direção e o movimento deram-lhe a noção do tempo e a marcha para a frente ou para trás deu-lhe a distinção do presente, passado e futuro. A embriaguez, os opiáticos mostram-nos quão estreita é a nossa concepção do

tempo. Um minuto pode encerrar uma eternidade.

A arte é precisamente o que tem permitido ao homem conhecer a superação do tempo e do espaço.

Que se resolva o problema econômico do homem, é uma necessidade.

Não é justa a miséria, quando é possível resolvê-la dentro dos quadros clínicos ou econômicos. Mas impor que a arte, que pode servir a êsse trabalho humano, se limite exclusivamente ao pa-

pel da economia, ou da política, ou da sociologia apenas, é desconhecer a essência do fenômeno estético e querer estancar o poder criativo do homem.

Para a arte nada mais desesperador que um mundo só, que uma direção só. A ditadura dessa direção seria o mesmo que darmos comida a um faminto e tirarmos por outro lado o seu direito à fantasia, ao sonho, ao maravilhoso, ao criativo. Seria tornar os homens plantas, não homens.

Aqui os excessos dos revolucionarismos histéricos não refutam a verdade dos temas socialistas, mostram apenas que nem sempre estão êles nas mãos de quem os merece.